

## Os Jovens Jornalistas

Depois de analisar os jornalistas mais velhos, detenho-me agora no universo de jovens profissionais. Reuni, ao longo de quase três anos de pesquisa, cerca de cinquenta entrevistas com jornalistas, trinta dos quais na faixa etária de 24 a 38 anos. Eram 22 mulheres e oito homens, que tinham de dois a dezesseis anos de profissão. Destes trinta profissionais, dezessete trabalhavam em jornal, três em rádio, cinco em televisão e cinco em revista.

Estes entrevistados pertencem ao universo das camadas médias urbanas, e todos residem e trabalham no Rio de Janeiro atualmente. Partindo da definição de camadas médias como algo mais abrangente e complexo do que meramente a classe social, considero possível encontrar semelhanças e parâmetros entre os indivíduos deste mesmo grupo. Eles possuem uma *visão de mundo* e um *estilo de vida* particulares. E neste aspecto a presente investigação se insere no campo de pesquisa sobre camadas médias urbanas, partindo, neste caso, da questão da profissão, para saber se é possível falar em termos de uma identidade de jornalista e de como ela é construída.

Meus informantes têm uma rede de relações marcadamente influenciada pela profissão. Isto já aponta para a idéia de rede (*network*) como um resultado de escolhas e opções. Não quero dizer com isso que os laços de parentesco sejam pouco significativos ou que as relações de amizade se resumam à esfera do trabalho. Pretendo interpretá-las a partir da ênfase presente no discurso desses jornalistas.

Assim como para os jornalistas veteranos, a profissão será fundamental na vida deste grupo, estando presente em todos os momentos de seus depoimentos como um elemento definidor de suas identidades; na maioria das vezes, trata-se do papel principal dentre os vários que desempenham.



Dentre os trinta entrevistados, oito não são do Rio, tendo vindo do interior ou de outros Estados para estudar ou trabalhar como jornalista. Alguns comentam sobre a dificuldade de se exercer a profissão em cidades pequenas, onde quase não há emissoras de rádio e poucos são os jornais. A mudança para o Rio de Janeiro seria a busca da realização profissional.

Este deslocamento citado pelos jovens de outras cidades também se faz presente para toda a categoria profissional, ainda que de outra forma. O jornalismo é uma ocupação que leva seu profissional a manter contato com diversos domínios da vida urbana e exige que ele tenha conhecimento dos códigos sociais. Um profissional comentou que ao mudar para outra cidade suas dificuldades para realizar uma boa reportagem triplicaram. Ele não conhecia o nome das ruas, não localizava os bairros dentro da hierarquia social, não conhecia os políticos da região, sem falar que não sabia identificar personalidades e autoridades para informar o fotógrafo. Um pouco como o antropólogo, ele teve que transformar a geografia daquela cidade de estranha e exótica em familiar. Ele faz questão de ressaltar que, em função de sua atividade, passou a conhecer a cidade muito melhor do que a maioria de seus habitantes.

Além do conhecimento de sua área de trabalho, é exigido do jornalista, principalmente dos que trabalham em editoriais como Geral/Cidade, entrar em contato com áreas marginalizadas da vida urbana, o que supõe correr riscos. Isto inclui acompanhar a polícia em perseguições a bandidos, obter informações de criminosos ou indivíduos que levam uma vida não só à margem da sociedade, como também clandestina. Quero demonstrar com estes dados que o risco está presente no exercício da carreira jornalística. Há muitas situações em que o profissional correrá perigo, podendo inclusive ser identificado como inimigo pelos grupos marginais. A pessoa que cruza a barreira — portanto polui — estará sempre incorrendo em erro aos olhos da sociedade. O grupo social define linhas de estrutura cômica ou social, e a *poluição* será um evento de ocorrência pouco comum, significando que o indivíduo rompeu alguma norma ou cruzou alguma linha indevida. O desvio exporá alguém ao perigo.

Mas, se o jornalista vai lidar com o risco, não quer dizer que a categoria se perceba como marginal. Ao contrário, para meus informantes esta é uma profissão que goza de prestígio social. Ainda que alguns discordem desta noção, ressaltam que ela existe e está presente não apenas dentro da categoria profissional. Vale destacar, neste sentido, uma pesquisa realizada em 1991 pela revista *Imprensa* e o Instituto Vox Populi em todo o Brasil sobre a imagem dos jornalistas. Entre as várias questões abordadas, destaco a função deste profissional que, para 61% dos entrevistados, é muito importante; para 37,8%, é importante; e apenas para 1,2% não é importante. Da mesma forma, quando se pergunta qual a reação que a pessoa teria se um filho decidisse ser jornalista: 18,2% afirmaram que

ficariam muito satisfeitos; 40% ficariam satisfeitos. O restante dos entrevistados não soube dizer como se sentiria. A pesquisa realizada no mês de abril de 1991 apresenta alguns dados interessantes sobre o papel social deste profissional.

## PROFISSÃO: JORNALISTA

A profissão é elemento fundamental na vida de meus informantes. Ela tem grande importância e espaço em suas trajetórias. Ainda que alguns demonstrem decepção ou pensem em trocar de profissão, a maioria acredita ter um vínculo afetivo com o trabalho e acha difícil sair dele.

Mas mesmo os que gostam da profissão citam uma série de problemas, entre eles o baixo salário e a extensa carga horária. Aliado a isso há uma grande dose de prazer no seu exercício. São muitos os que permanecem ligados ao trabalho 24 horas por dia, independentemente do fato de estarem ou não na redação, o que é inerente à profissão, já que o jornal pode estar sempre em contato com um empregado seu, quando necessário. Eles se sentem elementos essenciais e de muita responsabilidade em uma sociedade. Característica que os une aos "eternos jornalistas" atentos ao papel social da profissão. Eles informam, e sabem que isso tem um preço, que é, como já destaquei antes, não ser "dono" do seu tempo, trabalhar nos fins de semana e feriados e correr o risco de ter as planejadas férias suspensas em função de algum acontecimento "maior" que os obrigue a abdicar delas.

Por outro lado, nota-se que inevitavelmente uma profissão que exija esse nível de empenho e dedicação dê algo em troca a esses jornalistas, para contrabalançar os muitos problemas, e continuar mantendo e atraindo mais profissionais. Vários entrevistados salientam que apesar do desgaste e corre-corre do dia-a-dia a carreira é gratificante, não só pela sua responsabilidade social sempre enfatizada, como pelas relações que ela possibilita. Um repórter lida com pessoas dos mais diferentes níveis sociais e econômicos. Ele é colocado literalmente na rua e precisa estar preparado para este choque. Por que, segundo o grupo, só se é jornalista com a prática. É ela que ensina a resolver os imprevistos e problemas que surgem, é com ela que se aprende e cresce na profissão.

Para R. P. da editoria de Economia do *Jornal do Brasil*, 33 anos,

"jornalismo é empolgante. Eu acho que ele me deu mais do que eu esperava. Esperava, do ponto de vista profissional, que se pudesse fazer um trabalho no qual eu acredito e que não fira os meus posicionamentos éticos. Trabalho em que eu acredito e que não me envergonha. Aliás, me orgulho dele".



A relação com a profissão é ao meu ver mais um elemento que permite caracterizar este universo como individualista. Sem dúvida, a ênfase na profissão remete à idéia de Gilberto Velho, de que experiências significativas podem gerar "frentes simbólicas" que definem identidades. Acredito que a experiência em redação, assim como a vivência como jornalista, possibilitou a este grupo criar uma *identidade comum*.

É importante destacar que há diversidade de *ethos* no interior do que chamamos de camadas médias, por ser uma definição bastante abrangente. Neste caso, utilizarei o conceito de *network*. Este conceito significa *rede de relações* estabelecida pelo indivíduo ou grupo em questão. O *network* se baseia em laços criados sem escolha, determinados socialmente, como os de família e parentesco; e os resultantes de liberdade e opção. No caso dos jornalistas desta pesquisa, a ênfase dada nas relações sociais vai privilegiar, através de seus depoimentos, a escolha pessoal.

Esse sentimento em relação ao trabalho, essa *adesão* é expressa no discurso dos entrevistados. Ainda aqueles que não se sentem realizados ou satisfeitos com o trabalho demonstram que isso decorre do fato de o trabalho não estar sendo um "objeto de prazer", de realização. Uma "boa" profissão implicaria uma *adesão* a ela, que geraria um *estilo de vida e visão de mundo* próprios.

Em uma rápida introdução à profissão de jornalista já se percebe nos depoimentos desses trinta profissionais que suas relações com a carreira são nuançadas, impedindo uma homogeneização. Por outro lado, todos são categóricos quanto ao grande número de problemas e dificuldades no exercício desta ocupação. A partir daí a relação pode variar entre um envolvimento afetivo e emocionado, carregado de *paixão*, e outro mais cético e descrente dos prazeres e do sucesso deste trabalho.

Cabe destacar que utilizo neste momento a idéia de *paixão* a partir do ponto de vista de meus informantes. Como uma categoria "nativa" que aparece em muitos depoimentos estreitamente vinculada à profissão. *Paixão*, para os jornalistas, será um sentimento e, portanto, estará do lado da *emoção* e não da *razão*, e significará um envolvimento de ordem afetiva com o trabalho. Ao pensar esta questão, vou empregar o conceito de *adesão* que significa também um envolvimento, mas de outra esfera. Trata-se de um movimento abrangente da carreira em relação aos outros setores da vida do indivíduo, determinando, como o próprio termo demonstra, uma *adesão* à profissão. Se *paixão* implica uma sensação em relação a um objeto, *adesão* vai gerar todo um *estilo de vida e visão de mundo* bastante particulares em função de sua existência.

A origem da entrada dessas pessoas no jornalismo ou da escolha da profissão não é muito variada. Quase todos gostavam de ler e escrever quando crianças e pensavam em fazer jornalismo. A grande maioria fez faculdade de jornalismo ou comunicação, o que pela idade — menos de

quarenta anos — demonstra que já existiam os cursos obrigatórios para se obter o registro profissional.

Para M. E., pauteira da TV Manchete, 27 anos, oito de profissão, foram vários os motivos que a levaram a optar pelo jornalismo.

"Sempre gostei de ler e escrever. Achava interessante ver na TV e no jornal os repórteres. Foi algo que sempre me interessou e nunca fiz outra coisa na vida além de jornalismo."

A trajetória desta repórter reflete bem a situação da maioria do grupo, para quem o jornalismo não entrou em cena por *acaso*, ao contrário de alguns jornalistas veteranos. Aqui a profissão surge efetivamente como resultado de uma opção, ainda que as influências para a mesma tenham sido muitas. Mas há exceções: para uma repórter do jornal *O Dia*, 26 anos, formada há cinco, o caminho para o jornalismo não foi tão "natural" como alguns garantem. Ela diz que não sabe bem como resolveu fazer faculdade de comunicação. Acha que foi mais eliminatória do que opção propriamente dita.

Alguns entrevistados chegaram mesmo a tentar outras profissões antes de escolher o jornalismo. Uns se formaram em letras, outros, em sociologia, um trabalhou em comércio, outro fez graduação em história. Mas o encontro com a profissão é, para muitos deles, um feliz encontro. Como demonstra o então chefe de reportagem de *O Globo*, A. M., 38 anos.

"Minha família queria que eu fosse médico e eu queria ser professor de história. Fiz três anos de história, mas o jornalismo sempre me fascinou. Ele é a história do dia-a-dia. (...) Eu não seria feliz fazendo outra coisa. É uma profissão fascinante e eu não me arrependo dela."

É interessante perceber que poucos se vêem em outra ocupação, trabalhando em outra área. Aqui outra vez profissão e felicidade estão intimamente ligadas como se a primeira fosse o caminho para a segunda, como elos de uma corrente.

Não é à toa que quando conversei com estes jornalistas sobre sua ocupação muitas vezes a emoção foi grande e surgiu a vontade de contar suas próprias histórias, suas experiências mais empolgantes. Por outro lado, não são poucos os que a definem como uma cachaça ou um vício, uma imagem negativa captada dentro do próprio meio. A profissão é atraente e faz com que os "viciados" não consigam dela se libertar. Mas por que se libertar? Porque ela absorve, atrai mais do que o "normal" ou considerado ideal e comum a outras profissões, afirmam muitos jornalistas; ela envolve e exige *adesão* de quem a escolhe. É como o vício, dá prazer a quem a ele se entrega.

Essa estreita relação com a ocupação vai demonstrar o quanto para o grupo ela denota importância, responsabilidade social, *status*, e o quanto ela é adequada a uma personalidade *narcisista*. Não é à toa que alguns



brincam que o jornalista "padrão" não deveria ter folga nunca para não ficar "por fora" do que está acontecendo no mundo.

Os jornalistas têm uma visão particular do que seja *narcisismo*. Para eles ser *narcisista* significa ser vaidoso ao extremo. Seria uma necessidade de chamar a atenção para si, se autopromover. Segundo os depoimentos, estes profissionais estariam sempre atuando como relações-públicas de si mesmos.

Portanto, a apreensão do conceito de *narcisismo* pelos meus informantes seria o resultado de várias informações diferentes aliado a um significado de *narcisismo* dado pelo senso comum: amor exagerado a si mesmo, implicando desinteresse pelo outro.

Outra imagem freqüente é a comparação do jornalismo com o sacerdócio. Aqui não é mais a medicina que se utiliza como parâmetro, e sim algo mais forte, do nível do sagrado. Isso explica o que por muitos é considerado um problema da profissão, que é a invasão da vida particular, com chamados para casa no meio da noite, por exemplo. Essas atitudes são plenamente justificadas se levarmos em conta que não se trata de um simples ofício ou trabalho assalariado, mas uma ocupação de "outra esfera". Por isso exige como "pré-requisito" uma disponibilidade eterna e constante. Este ponto me remete à idéia da missão do jornalista, que estaria ligada a algo divino, a uma função concebida por algo exterior a ele, da ordem do sagrado. Não se trata, entretanto, de questionar os problemas ou consequências que esta profissão acarreta, mas sim de entendê-la a partir deste ponto de vista.

Na abordagem dos problemas da profissão, os discursos revelam uma unanimidade em relação ao mais sério deles: o baixo salário. Não há um jornalista sequer que não tenha comentado ou reclamado de má remuneração. Para todos este é o problema mais grave e sem solução a curto prazo. Em seguida à questão salarial, vem uma outra, também vinculada à primeira: a carga horária. Muitos salientam que a jornada de trabalho do jornalista de cinco horas, com possibilidade de mais duas extras no contrato, raramente é cumprida à risca. São inúmeros e freqüentes os casos de jornada de nove ou dez horas, muitas vezes sem o pagamento adequado. Outro dentre os aspectos levantados é o pequeno e fechado mercado de trabalho, principalmente para os iniciantes. Isso, aliado a uma grande oferta de mão-de-obra barata, dificulta, segundo os entrevistados, uma melhoria de salário e das condições de trabalho.

Em relação ao mercado de trabalho, vale salientar que a entrada nele implica a conjugação de dois fatores: competência e relações pessoais — fatores estes que também influenciarão na ascensão dentro da carreira. Ambos são apontados pelos jornalistas como importantes, variando entre o grupo sobre qual deles tem maior importância. Muitos informantes

acrescentam que não se pode estabelecer uma regra e que há situações distintas em que as influências vão variar de grau.

Quase todos arranjaram o primeiro emprego graças, principalmente, a algum professor, amigo ou parente que lhes abriu as portas de um veículo. Também são comuns os casos em que o bom desempenho na faculdade levou à obtenção de um estágio ou emprego, ainda que temporário.

A censura interna, sobretudo nas grandes empresas, é também tida como entrave delicado, pois envolve os interesses e filosofia da empresa e a ética do próprio profissional. Nessas horas, ressaltam, é preciso "ter muito jogo de cintura". E na balança entre não ganhar o suficiente e não realizar um trabalho com liberdade, de seu agrado, é onde oscila e muitas vezes se esmaga o jornalista. Para vários profissionais o equilíbrio está na aceitação do jornal-empresa sem entrega passiva aos valores e filosofias do patrão.

Levando-se em conta essa situação conflitante em que vive o jornalista, posso deprender que cada membro do grupo tem a sua imagem de jornalista ideal. Como ele deveria agir e que qualidades lhe seriam essenciais? Ter iniciativa é uma das qualidades exigidas para um bom profissional, que deve também ser isento e objetivo. Escrever bem aparece em alguns depoimentos, mas é curioso que esta qualidade não esteja presente na maioria deles. Para uma entrevistada, o "bom jornalista" deve perceber que seu trabalho se parece com o de um médico e estar disposto a abrir mão de vários outros pontos, como horário e família. Novamente se destaca a imagem da *adesão* à profissão e do *estilo de vida* gerado por ela.

É interessante o fato de que, em geral, um bom texto é considerado importante para a qualificação de um jornalista, mas isso não recebe uma ênfase especial por parte do grupo. E as definições para um bom texto variam entre objetivo, claro e suficientemente informativo. Também são apontadas a influência e a leveza como fatores necessários. Mas vários repórteres comentam que há colegas que não sabem redigir um bom texto, mas realizam uma excelente apuração, o que compensa.

Se o resultado final do trabalho sai publicado no jornal, sendo, portanto, passível de crítica por todos, leitores e colegas, quem determina a qualidade de um texto tanto pode ser o editor como o redator ou mesmo o responsável pela leitura analítica de todas as partes do jornal, que poderá criticar ou elogiar. Críticas freqüentes e graves podem significar mudança de editoria ou demissão, assim como elogios constantes podem resultar numa ascensão na hierarquia, em muitos casos para setores onde um bom texto é mais valorizado, em geral os cadernos de cultura ou política.

Muitos tentam descrever como seria um jornalista "típico". Qualificam-no, por exemplo, como esperto, comunicativo, supervaidoso, sabendo um pouco de tudo, mas nada a fundo. Alguns salientam que, por lidar com o poder, deixa-se influenciar por ele. Para outros, é alguém que está "ligado", e costuma ser nervoso, sendo a categoria neurótico freqüente-



mente utilizada para definir este profissional. "É preciso ser neurótico, pelo menos um pouco, para ser jornalista", enfatizam. Não só pelo ritmo de vida, mas também por abdicar de sua vida pessoal.

Uma informante garante que todo jornalista é neurótico e explica por quê:

"Ele só vive para o trabalho, só fala nisso, vive angustiado, respira trabalho e vive muito fechado, num mundo de jornalistas".

Ela comenta ainda que essa intensidade com que o jornalista se vincula à profissão lhe parece uma peculiaridade deste profissional. Não vê isso em outras carreiras.

A imagem do boêmio também é recorrente para o grupo que aponta este dado quando peço uma descrição do jornalista "típico". Ele não é só o que está na redação 24 horas por dia, é também o boêmio, que depois da redação vai para um bar beber, relaxar e compartilhar com os colegas o que viveu durante o dia.

A maneira de vestir é outro elemento de identificação deste profissional, asseguram os entrevistados. Através dela é possível descobrir se o indivíduo é jornalista e em que órgão ou setor trabalha. E para isso traçam uma espécie de hierarquia onde repórteres de jornais como *Jornal dos Sports*, *Última Hora* e *Tribuna da Imprensa* se apresentariam mais "mal" vestidos. Eles usariam calça *jeans*, tênis, sem luxos ou moda. Isso decorreria do fato de os jornais terem menos prestígio e pagarem salários menores aos seus funcionários.

Os jornalistas de televisão estariam no topo da hierarquia de prestígio e salário, o que significaria de modo geral profissionais bem vestidos. Os homens usarão terno e as mulheres, sempre maquiadas, jamais usarão *jeans* ou tênis. Em relação aos jornais de mais prestígio, como *Jornal do Brasil* e *O Globo*, as distinções serão mais sutis na medida em que há diferentes editoriais, cada uma delas com um lugar na escala de *status*. Um profissional que trabalhe em uma editoria de Política ou Nacional não se vestirá com *jeans*, camiseta ou tênis como um da editoria de Geral. Muitos comentam que a mudança de editoria por parte de um repórter é rapidamente percebida através das alterações no vestuário.

E, se existe o perfil do jornalista "típico", há também o sonho mais comum entre os profissionais. Todo jornalista parece sonhar em abrir um bar. Foram poucos os que não demonstraram vontade de realizar esse desejo. O bar, nas palavras de uma repórter, é a segunda instituição jornalística. Depois do bar, o sonho é mesmo continuar jornalista, apenas mudando de "posto". Ser dono de um jornal, ter uma editoria, uma rádio ou uma empresa da área de comunicação. Não impede que haja uns poucos como aquela repórter de televisão que queria ter um sítio e viver de artesanato.

Mas, para quem acha que está na profissão certa, o sonho vai passar, sempre por ela, determinando apenas uma mudança de lugar. É o caso da jornalista que quer montar o seu próprio negócio, sem patrão, no esquema de cooperativa, para fazer algo criativo e que dê dinheiro também. Um projeto jornalístico e em televisão. Não ter patrão e possuir um "negócio seu" parecem palavras-chave para entender o imaginário deste grupo. Essas expressões indicam uma vontade de se libertar do esquema empresarial dos grandes jornais e do próprio anonimato.

Segundo os depoimentos, esta categoria profissional é bastante diferente das outras. Isso porque em muitas ocasiões os jornalistas se sentem especiais. Enfatizam que a profissão pode levar a pessoa, segundo eles, a um falso sentimento de poder. Por estar próximo de autoridades e obter informações secretas, o profissional se ilude acreditando no seu poder. É um meio em que circulam pessoas vaidosas, pretensiosas e auto-suficientes, afirmam.

Isso não quer dizer que só haja pessoas com tais características. Sem dúvida, trata-se de uma profissão que mexe com o ego do indivíduo, suscetível de se tornar "deslumbrado".

Foram poucos os jornalistas que comentaram ou explicitaram sua relação com jornalistas mais velhos. Alguns se referiram com admiração a jornalistas ilustres, mas sempre como uma referência distante de seu dia-a-dia. Hoje, há cada vez mais jovens ocupando os cargos importantes. Vários informantes do grupo exercem estas funções, e nenhum deles atingiu a faixa dos quarenta anos. Neste sentido, para os jovens repórteres que estão se iniciando na profissão, os modos de ver são distintos daqueles dos mais experientes.

Pode-se entender o desprezo, até certo ponto, demonstrado por alguns jornalistas em relação aos profissionais mais velhos, se levarmos em conta que os últimos estão em menor número nas redações, e nem sempre o contato entre as duas gerações no trabalho é frequente e cordial. Os jornalistas mais experientes exercem, na maioria dos casos, cargos de chefia ou funções especiais, como colunistas ou correspondentes internacionais, não sendo encontrados diariamente no jornal. O que se pode constatar é que nem sempre há admiração por parte dos jovens para com os mais velhos, e as relações entre ambos os grupos não são muito estreitas.

Quase todos os meus entrevistados do capítulo 3, jornalistas muito bem-sucedidos e muito elogiados pelos jovens, afirmaram não ter muito contato com quem está iniciando a carreira. Encontram-se em posições privilegiadas em termos de horário e esquema de trabalho, ou trabalham em setores ou editorias específicas onde não há muitos jovens.



As relações entre estas gerações resultam de muitos fatores aglutinados. Cada jornal funciona de uma maneira e dá aos mais experientes um lugar de destaque ou não. Muitos jovens querem se afirmar demonstrando que podem crescer na profissão sozinhos, da mesma forma que há velhos fechados em suas áreas e em "seu mundo", sem interesse pela troca de experiências. Uma coisa é certa: há uma distância real entre essas gerações, e cada vez mais as redações se tornam espaços prioritariamente da juventude.

E, se as redações se tornaram reduto dos jovens, também estão se transformando em local de trabalho das mulheres. Cresce a cada ano o número de mulheres nas redações, sendo poucas as editorias que não as incluam, seja na qualidade de repórteres ou mesmo em cargos de chefia. Para muitos, a tendência do jornalismo é converter-se numa profissão predominantemente feminina. Para as mulheres a realidade não parece ser tão simples assim. Embora a maioria afirme não sofrer mais discriminação na profissão, certas áreas continuam fechadas para elas. A editoria de Esportes é apontada por todos como a mais avessa às mulheres. Alguns acreditam que isso se deve a que as mulheres não têm acesso ao vestiário masculino. E o futebol ainda é o esporte nacional, e dos homens.

Para muitos entrevistados as redações hoje atraem mais mulheres pelo fato de o jornalismo estar muito ligado à televisão e à idéia de *show*. Garantem que a televisão é o sonho final para a maioria das repórteres, que se sentem um pouco artistas trabalhando naquele veículo. Antigamente isso não ocorria com tanta intensidade porque o jornalismo era basicamente investigativo e a televisão ainda não era um veículo atuante. Várias mulheres afirmam inclusive que há jornalistas mulheres que não trabalham para o seu sustento, apenas para preencher o tempo e/ou complementar o orçamento, e por isso aceitam trabalhar por salários tão baixos. Não esquecem de enfatizar que o prestígio obtido com a profissão compensaria tais condições. Por outro lado, acham que os homens não se encontram na mesma situação. Precisam de trabalho para se sustentar e à família, e, além de o *status* oferecido pela carreira ser importante, para eles a questão salarial não está em segundo plano como para algumas mulheres. Isso explicaria, na opinião de várias jornalistas, o crescimento do número de mulheres nas redações atualmente.

Para M. D., repórter da TV Manchete, 27 anos, o fato de ser mulher não atrapalha seu desempenho. Ao contrário, só lhe trouxe vantagens. Porque a tratam em geral melhor em qualquer lugar.

Entretanto, esta profissional acha que, se em televisão não há tanto preconceito contra a mulher, o mesmo não ocorre em jornal, onde as gerações mais antigas acreditam que só homem pode trabalhar em editorias como as de Política e Polícia.

Pelas entrevistas pode-se concluir que as mulheres, ainda que estejam em maior número, continuam a sofrer discriminação. Segundo as informantes, as "cantadas" são de todos os níveis, e as mais comuns vêm sobretudo das "fontes". Os homens entrevistados acham que não há discriminação, salientam o bom trabalho que vem sendo realizado por várias mulheres e citam outras ocupando cargos de chefia. Um jornalista veterano acrescenta ainda que as mulheres trabalham melhor, não só porque a competição na profissão é grande, como pelo fato de elas terem de provar que são melhores que os homens.

## A FAMÍLIA

Para todos os entrevistados, parte deles casados e com filhos, a família é muito importante em suas vidas, mas com frequência tem de ser sacrificada pela profissão. Há momentos, como as grandes coberturas, em que a redação e os colegas se tornam a casa e a família dos jornalistas. Ali e com eles dividem alegrias e tensões, compartilham dificuldades e se apoiam mutuamente. Entre os trinta entrevistados é grande o número de separados e de solteiros sem parceiros. A maioria dá o trabalho como explicação para o fato. Afinal, comentam, não é todo marido que aceita ter uma mulher sem hora certa de chegar em casa, que trabalhe no fim de semana e possa ser chamada a qualquer momento pela redação. Outros comentam que há muitos casamentos entre jornalistas, mas nem sempre a experiência é positiva, devido aos horários, que mudam muito. Por ser um tipo de trabalho que agrega as pessoas e as ocupa demais, favorece essa aproximação.

Conciliar trabalho e vida familiar é para vários informantes um problema complicado. Principalmente as mulheres e mães se queixam das muitas tarefas e da difícil divisão de horários. Para outras com filhos maiores, não é uma questão sem solução, mas há que se adaptar e encontrar um caminho.

A. L. V., pauteira da TV Bandeirantes, 33 anos, é separada e tem um filho de sete anos. A seu ver, não é possível realizar plenamente as duas funções de mãe e jornalista. Uma delas ficará prejudicada.

"Acho difícil ser mãe e me aprimorar na carreira. Se você quer fazer carreira, tem que deixar o filho de lado. Não tem jeito. Filho absorve muito a gente. O que parece estar em jogo são dois papéis absorventes e atraentes."

Quando pergunto sobre situações especiais ou de urgência, seja por conta do trabalho, seja um acidente com filho, há unanimidade na resposta: cada caso é um caso. Se o acidente for grave, largam tudo; se não for, e no



trabalho há algo urgente, tentam achar uma solução intermediária. A consciência de responsabilidade nas duas áreas é bastante enfatizada. Mas em casos extremos o filho e a família estarão em primeiro plano.

O que se percebe ao discutir o papel da família na vida destes profissionais é que há uma tensão sempre presente entre os dois mundos: o do trabalho e o da família. Por isso, ocasionalmente seus discursos podem parecer contraditórios, ao privilegiarem um dos aspectos em determinado momento, e o outro logo em seguida. A tensão é permanente e está expressa não apenas nos depoimentos como até mesmo na própria dificuldade, por eles manifestada, de manter relações conjugais duradouras.

Por outro lado, o que muitos destacam, e neste caso não apenas as mulheres, é que no dia-a-dia a família sai muito prejudicada, sendo comuns as queixas sobre a falta de tempo que sobra para ela.

G. A., repórter da rádio "JB", trinta anos, separado, dois filhos, é um dos entrevistados que lamenta a falta de tempo para os filhos e a família em função dos seus dois empregos. Acha que este excesso de trabalho provoca um afastamento familiar, e os relacionamentos ficam afetados pela ausência. Um dos filhos ele só vê de quinze em quinze dias, circunstância que o incomoda muito.

Mas não são apenas os filhos que dificultam a vida do jornalista. Encontrar um(a) companheiro(a) disposto(a) a dividir o parceiro com o jornal não é tão fácil. E o fato de serem os dois da mesma profissão pode em muitas ocasiões atrapalhar. Se há compreensão exatamente por viver no mesmo meio, por outro lado os problemas são semelhantes; além disso, conciliar dois plantões e horários pode ser mais difícil do que se um dos cônjuges tivesse outra profissão.

Os amigos são considerados como uma segunda família, e em certos casos tornam-se mais importantes que os parentes. Outra vez surge a noção de *network*. Como já comentei, ela não é apenas o resultado de escolhas e afinidades, incluindo também relações definidas socialmente, ainda que o grupo ponha em destaque as primeiras. Neste aspecto, é quase que unânime o fato de a maioria dos amigos dos informantes pertencer à área jornalística. Por tudo o que já vimos até agora sobre esta profissão e a *adesão* a ela que sua escolha implica, este não é um dado surpreendente. Assim também o *estilo de vida* irá reforçar os vínculos e laços que tenham a profissão como elemento comum, neste caso os amigos.

Não por acaso uma entrevistada brinca que, quando algum colega dá uma festa, pede-se para levar "gente de fora", para não ficar um ambiente maçante e fechado. Do contrário só irão jornalistas. A expressão "gente de fora" reflete bem o sentimento de "tribo" que percebi nos discursos dos entrevistados.

## ÉTICA PROFISSIONAL

Segundo os jovens jornalistas, a noção de ética está ligada à idéia de um código com regras determinadas para o exercício da profissão. Entretanto, para a grande maioria este código é muito subjetivo, variando de pessoa para pessoa, e se baseia muito mais na consciência de cada um do que em normas preestabelecidas. Alguns comentam que diversas empresas têm seus próprios critérios, mas poucos os consideram como um verdadeiro código de ética. Tais critérios expressam apenas a filosofia e a forma de atuação da empresa.

Utilizo o conceito de ética como a área da filosofia que faz uma reflexão sobre os problemas fundamentais da moral como natureza do bem e do mal, sentido da vida humana, entre outros. Se muitos depoimentos ressaltam a subjetividade da avaliação de uma atitude ética, não se pode negar a existência de alguns parâmetros comuns. Um repórter que se utiliza de sua função para obter informações sigilosas em troca de privilégios será tanto punido pela empresa quanto criticado pelos colegas, salientam os informantes.

Todos enfatizam que a esfera de ação de um profissional em termos de ética tem limite. Um limite imposto pela própria hierarquia do jornal. O jornalista deve se responsabilizar por todas as informações incluídas em suas matérias. Elas devem corresponder à verdade. No entanto, a utilização dessas mesmas informações, ou mesmo sua omissão, está fora de sua área de influência. O profissional pode sugerir ou mesmo discutir com seu chefe sobre sua importância e destaque, mas não terá poder de decisão.

Para esta categoria profissional, a ética é um elemento fundamental, tanto para a própria profissão, como para a sociedade, que lhe cobra uma postura ética. Essa ética tem um código regulador na verdade descoberto, e não é percebida como uma ética específica ou própria da profissão.

Um outro aspecto merece ser destacado: a noção de ética criará, dentro da visão dos jornalistas, uma dicotomia entre real e ideal no dia-a-dia da profissão. Ser ético todo o tempo trabalhando para empresas privadas que têm outros objetivos e éticas, que não os de seus empregados, pode ser difícil e complicado, garantem alguns.

Comprometimento parece ser uma palavra-chave para entender o significado da ética profissional para o grupo pesquisado. O que é fundamental se mostrar isento perante os fatos, tentar apurá-los sem preconceitos ou idéias preconcebidas. E neste sentido a imagem do leitor deve estar sempre presente para o jornalista. É a ele que o repórter deve satisfação e "obediência". Embora o grupo ressalte que seu compromisso é com a notícia, de fato é para o leitor que ela é escrita. Novamente a idéia



do jornalista com uma função social, com um compromisso. Sua vida e sua atividade não podem ser desvinculadas do processo social.

Várias questões éticas da própria profissão são levantadas por meus informantes. A quem servir? A empresa, à notícia, ao leitor ou aos seus próprios valores e sua consciência? Todos os entrevistados declararam que seu compromisso é com o jornalismo e, portanto, com a notícia. É preciso fazer um trabalho digno e consciente, independente da empresa para a qual se trabalha. E há limites para as influências, tanto de um chefe quanto do próprio jornal. É fundamental para todos estar atento e não deixar que esta preocupação, importante para a realização de um trabalho de qualidade, se dilua na pressa e tensão das redações.

Para Claudio Abramo, os jornalistas não têm ética própria, mas as empresas, sim. E exatamente por isso o jornalista tem que ser consciente. Não pode ser ingênuo, nem achar que dispõe de licença especial que o coloca acima do bem e do mal. Ele precisa da ética para não ser impiedoso com pessoas e fatos.

E um jornalista exemplifica:

"Eu voto no Brizola, sou socialista e trabalho no *Globo*, que é um jornal conservador, mas aqui não me pedem atestado ideológico. Minha função de chefe é mandar os repórteres para a rua cobrir os fatos. Não conungo com a ideologia da empresa, mas sou parte da engrenagem. É fácil conviver com isso. Eu alugo minha força de trabalho, não minha cabeça. E é assim em todos os jornais. Não me firo, nem prejudico ninguém. Procuro fazer o meu trabalho o melhor possível".

Nos depoimentos nota-se de que modo foi equacionado o problema ético como resultado de um equilíbrio entre o desejo ideal e o confronto com o real. Para vários profissionais há questões que devem ser levantadas e que ajudam o jornalista a saber como agir em situações delicadas. Uma delas é saber a quem interessa a divulgação daquela notícia e que implicações ela terá. Nesse sentido a experiência ajuda a lidar melhor seja com a "fonte", que não quer a informação divulgada, seja com o chefe, que decidiu pela publicação.

A questão da fonte ou informante e sua preservação é polêmica e merece ser abordada. Muito se fala sobre o sigilo em torno do informante, para que informações importantes e secretas sejam obtidas. O cidadão que vai falar quer estar certo de que suas declarações não irão prejudicá-lo no futuro.

Neste momento, utilizo a cobertura do caso "Watergate" feita pelos repórteres do jornal *Washington Post*, Carl Bernstein e Bob Woodward. Muitas vezes Bernstein e Woodward tiveram problemas, não só com o governo mas até com o próprio jornal, cujos chefes se mostravam ansiosos em relação aos depoimentos dos informantes e suas implicações. Era fundamental que eles fossem verdadeiros. Ainda que seja uma regra quase

que "universal" não revelar o nome dos informantes ou algo que possa identificá-los, nem todos os membros do grupo concordam em que ela seja seguida à risca em todos os casos.

Na opinião de um jornalista de *O Globo* é preciso estudar cada situação e compreender as consequências da revelação das fontes. Em muitos casos a própria empresa tem suas normas.

"O jornal procura seguir as normas. E não misturar a empresa com a redação. Não revelar as fontes. Eu, pessoalmente, acho que nesse ponto há casos e casos, e na maioria das vezes a ética serve mesmo é para preservar quem errou. Não sei se é ético não informar tudo."

A dificuldade de se estabelecerem regras fixas é para todos uma preocupação. Alguns conseguem encontrar parâmetros para suas condutas pessoais, como é o caso da repórter filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT), que não deixará de dar informações que possam incomodá-lo ou atrapalhá-lo. A seu ver, sua missão é informar, doa a quem doer.

Outro dado apontado é o vínculo do jornalista com a empresa para a qual trabalha. Para muitos é ela quem decide o que deve ser publicado ou não. É um direito seu. A palavra "fidelidade" é lembrada para demarcar esta relação, mas não há consenso entre o grupo. Cito o caso da repórter que depois de apurar e redigir uma matéria passa-a para outro jornal publicá-la. Isso porque o veículo para o qual trabalha não teve interesse em noticiá-la. A situação é polêmica e suscita pontos de vista diferentes. A profissional cometeu uma falta porque é funcionária da empresa, argumentam uns. Se se tratava de uma denúncia, ela agiu bem: a notícia deve sair onde for, pois o fato é o mais importante, explicam outros. Todos ressaltam que cada situação é única e particular, sendo difícil julgar a distância. Essa variedade de opiniões também demonstra a relação do jornalista com o produto do seu trabalho. Há de um lado a idéia de que o trabalho é um esforço seu, não pertence ao jornal. Numa outra perspectiva, a reportagem é da empresa, e esta deve decidir o que fazer com a matéria.

A relação com os colegas de trabalho é outro aspecto em que a ética, ou a falta dela, está presente. Todo grupo afirma que a competição é uma característica da carreira. São muitos querendo dar um "furo" e virar "estrela". Alguns chegam a afirmar que há falta de ética na relação entre companheiros de profissão. E a razão disso seria a competição e a concorrência.

"Hoje a concorrência é feroz, é a 'lei da selva', faz-se de tudo para conservar o emprego, de algum jeito. Acho inclusive o jornalista mais ético em relação à informação do que ao próprio colega. Todo mundo quer passar na frente do outro."



Este destaque para as relações entre colegas e a alta competitividade da classe reflete-se no discurso dos entrevistados quando descrevem o seu meio profissional. Embora reconheçam a existência de uma mescla de pessoas de diferentes níveis sociais e econômicos, a ênfase para todos está sempre na concorrência. A isto se acrescenta o fato de ser o jornalista descrito como uma pessoa muito individualista e egocêntrica.

## O PODER

Para a sociedade, o jornalista é um indivíduo que detém informações importantes, circula por esferas de poder político e financeiro, e por tudo isso possui um *status* que o insere dentro de uma elite que tem, portanto, poder. Mas nem sempre este quadro corresponde à realidade.

Compreendo poder com a possibilidade de um homem ou de um grupo de homens realizar seu próprio desejo, mesmo contra a vontade de outros. É preciso distinguir poder econômico da noção de poder simplesmente. O poder tem valor em si mesmo e tem outro fundamento que não é o econômico. Neste sentido, o homem vai lutar pelo poder muitas vezes pensando na *honra social* a ele relacionada. Entretanto, pode-se obter uma coisa sem a outra.

No caso dos jornalistas, a idéia de poder também está vinculada a honra e prestígio, como se vê claramente nos discursos dos entrevistados.

Muitos jornalistas afirmam que não raro o próprio profissional se ilude acreditando que tem poder. Penso que, ao utilizar genericamente a noção de poder, meus informantes estão se referindo basicamente ao poder político.

Para o grupo, o jornalista vai trabalhar entre duas concepções contradiórias: uma que lhe dá poder em excesso e outra que lhe retira toda a capacidade de transformação social. A capacidade de influência de um jornalista estará intimamente ligada à dimensão e ao público da empresa onde trabalha.

A noção de poder para este segmento está muito relacionada com Estado, autoridade política e força econômica. Para todos esta é uma questão importante, bastante polêmica e da qual a profissão não está desligada. Ainda que sempre enfatizem que o jornalista não tem poder, ou que quando ele existe é muito reduzido, os depoimentos demonstram que a atuação do jornalista não está restrita ao jornal ou seu *network*, ela é mais abrangente em seu espectro.

Não são poucos os que se referem aos perigos da profissão e destacam que a ilusão do poder seria um deles, e dos mais graves. O jornalista, na opinião do grupo, tem um papel social importante como cidadão e profissional; entretanto, a maioria não acredita que sua atividade esteja imbuída

de mais força do que outras. Comentam, isto sim, que a informação é poderosa, e ter acesso a ela — o que não ocorre com a maioria da população — demarca diferenças. Mas muitas vezes a notícia não sai do âmbito do jornal e se resume a uma conversa entre colegas.

Em outras situações onde a informação é preciosa, sua disputa é acirrada; os jornalistas acreditam que sua força e impacto dependerão, e muito, do órgão que irá comunicá-la. O repórter que apura sozinho não transforma a sociedade, como muitas vezes o leitor imagina, garantem eles. Entretanto, enfatizam: sua função é importante, e, mais ainda, é preciso que ela seja exercida dentro de padrões éticos, pois são muitos os acontecimentos “delicados” que exigem perspicácia e experiência por parte do jornalista.

Vários jornalistas jovens comentam que antigamente a relação com o poder político por parte dos profissionais da imprensa era muito menos ética. Os políticos estavam dispostos a tudo para aparecer de forma positiva nos jornais e os jornalistas eram facilmente corruptíveis. Acreditam que isso não acontece hoje em dia, ao menos na mesma escala. Mas lamentam que ainda existam exemplos que comprometem a profissão.

Parece claro para o grupo que os jornalistas sabem que estão perto do poder, mas que este não lhes pertence. E esta norma não pode ser esquecida, caso contrário o profissional corre o risco de se perder na carreira. Enfáticos na análise da relação com as autoridades, esses profissionais afirmam que a convivência é bem mais difícil do que parece.

“O jornalista sempre vive perto do poder. Ele está sempre próximo, íntimo, mas ele não tem poder. Isso é uma quimera.”

“Acho que o jornalismo leva a pessoa a um sentimento de poder que é um falso poder.”

Ao lado dessa ênfase em um relacionamento distanciado do poder há a tradição do jornalista como político ativo e participante. Durante muito tempo, ressalta o grupo, as redações foram redutos da esquerda brasileira e do Partido Comunista. Ser jornalista significava ser de esquerda, ter uma postura progressista. Criticar o sistema assim como ser atuante na sociedade eram requisitos para um jornalista. Hoje muita coisa mudou. Muitos declaram que os jornalistas se despolitizaram nos últimos tempos, não sendo capazes de mobilização nem mesmo por algum interesse da própria categoria, como aumento salarial ou outra reivindicação profissional. Ainda assim, as redações reúnem cidadãos majoritariamente de esquerda. Muitos profissionais não são membros de partidos nem primam por uma atuação política marcante, e também não têm uma visão messiânica e salvadora do jornalismo. Segundo vários deles, o jornalista não é mais o herói que está lutando em uma batalha por seus ideais políticos e sociais.



Os jovens jornalistas sabem que políticos e governantes os encaram como solução para muitos problemas e ponte para a conquista da opinião pública. Alguns repórteres têm em mente que muitas ações do poder político perderiam sua força sem a imprensa.

Para a repórter L. N. do jornal *O Globo*, a relação do jornalista com o poder é ambígua. Se por um lado o jornalista acha que tem poder, por outro, ele tem mesmo. Ele pode destruir a vida de uma pessoa, e tem gente que age assim, pois, a seu ver, quando se acusa alguém todo mundo lê, mas o desmentido só um quarto das pessoas vão ler. E o jornalista acaba transmitindo a idéia de que pode destruir.

Novamente uma unanimidade. Os entrevistados são categóricos em afirmar que a nova geração de jornalistas que está hoje nas redações tem uma relação mais profissional e isenta com o poder do que a geração mais velha. Antigamente, declararam, o jornalista se confundia com o poder. Sem falar nos que tinham dois empregos: um no serviço público, muitas vezes em cargos políticos, e outro em jornal. Hoje isso é bem mais raro.

Para muitos, o que acontecia anos atrás era consequência do próprio papel de jornalista, que não estava definido. Havia até policial escrevendo em redação, o que, segundo os depoimentos, gerou uma má fama para a categoria. Vários entrevistados acreditam que o leitor tem dois estereótipos bem antagônicos. O jornalista, em especial o repórter, é herói ou bandido. O público confunde o jornalista com a empresa para a qual ele trabalha e está seguro do poder deste profissional. Eventos como o caso "Watergate" confirmam a imagem do jornalista como herói.

## DUAS GERAÇÕES

Os dois grupos pesquisados nos capítulos 3 e 4 estão inseridos no universo de camadas médias e como tal devem ser compreendidos. Entretanto, é preciso salientar que a definição de camadas médias é abrangente e engloba diferentes segmentos que devem ser percebidos para além dos critérios sócio-econômicos. As "fronteiras simbólicas" gerariam uma identidade comum entre os indivíduos. No caso dos jornalistas investigados nesta pesquisa, penso que é possível falar em termos de uma *identidade comum* geradora de um *ethos* específico.

Portanto, creio que as diferenças entre as duas gerações são decorrentes principalmente da diferença dos momentos dentro da trajetória de cada um. Em ambos os grupos nota-se um alto grau de adesão à profissão, que getou como consequência uma *visão de mundo* própria. Jovens e veteranos discorrem sobre as mais variadas questões, abordando sempre a carreira como questão primordial. Há profissões que determinam uma postura muito particular diante delas e da vida, e acredito que o jornalismo

seja uma dessas profissões. Ele é mais do que simplesmente uma fonte de sustento de seus membros. Atingiu um patamar tal em suas vidas que essas pessoas não se vêem mais na sociedade, senão pelo papel profissional. Ele se tornou o papel principal dentre os vários desempenhados diariamente.

Os jovens jornalistas, em função da idade e do estágio em que se encontram dentro da profissão, lançam um olhar mais entusiasmado e cheio de expectativa para a carreira. Esta ainda não lhes propiciou prestígio e sucesso, como ocorreu com o grupo de jornalistas mais experientes. Neste momento ela representa uma promessa, não uma certeza. Isso justifica em parte a atitude crítica e o ar de decepção que alguns entrevistados apresentaram. A carreira não correspondeu aos anseios, ainda não realizou sonhos. Para outros, ela não decepcionou, está apenas começando a "acontecer".

Para os dois grupos, as relações de parentesco, em que se incluem família, casamento e filhos, não têm dimensão semelhante àquela atribuída à profissão. Ambos concordam em que muitas vezes elas ocupam lugar secundário em suas vidas, mesmo que isso não seja intencional. Explicam que a profissão toma a maior e melhor parte do tempo de suas existências, e por isso as outras relações ficam com as "sobras" da atenção dispensada ao trabalho. Alguns percebem isso com um problema e acreditam que é importante e possível mudar essa estrutura em que a profissão adquire tamanha dimensão. Para alguns isso é inevitável e justifica, entre outros fatos, o casamento entre jornalistas.

As amizades têm características diferentes nos dois grupos. Os mais jovens estão mais restritos ao *mundo dos jornalistas*, sendo a maioria dos amigos da mesma profissão. O que já não ocorre com a geração mais velha. Estes jornalistas conseguiram uma enorme projeção no campo profissional, que lhes propiciou uma *rede de relações* pessoais muito mais ampla e variada. Associado a este dado há o fato de pertencerem a uma elite não só dentro da profissão como também da própria sociedade. Portanto, seu círculo de amigos não é formado exclusivamente por jornalistas, como no caso dos jovens.

A questão ética, da mesma forma que a política, despertou muitos comentários por parte dos entrevistados. São dois temas recorrentes em seus discursos. Estão intimamente ligados a esta carreira e seu exercício. Os mais velhos afirmam que hoje há mais condições de se realizar um trabalho dentro das normas éticas. Os mais jovens concordam, sem deixar de acrescentar que problemas e dificuldades na construção de um jornalista isento existem ainda e continuarão a existir.

A politização dos profissionais surge como uma das principais diferenças entre os grupos. Os mais velhos têm uma vivência de participação e militância política muito intensa e que se apresenta diretamente ligada às suas carreiras. Já os jovens, ainda que demonstrem um vínculo com as questões políticas, este não é muito acentuado, e comentam que o jornalista



de hoje não se sente mais obrigado a se filiar a partidos ou participar ativamente da vida política nacional. Eles já não acreditam que sua participação será mais vital do que a de outros setores da sociedade.

A ênfase dos dois segmentos é sem dúvida no trabalho, e as sementes são grandes e marcantes. É possível então falar em termos da construção de um *ethos* particular do jornalista, o qual possui uma *visão de mundo* e *estilo de vida* característicos. As assimetrias expressas em seus discursos denotam muito mais um momento de suas trajetórias bastante diferenciado do que distinções fundamentais em questões básicas. O fator tempo expresso na diferença de idade dos grupos, assim como a localização na hierarquia social, apontam para demarcações mais casuais do que intrínsecas aos grupos.

## CAPÍTULO 5

# A Construção da Identidade do Jornalista

O *mundo dos jornalistas*, como já descrevi nos capítulos anteriores, é a um só tempo amplo e restrito. Amplo, na medida em que não se resume ao local de trabalho, colegas de profissão e família. A cidade, o país e, em muitas situações, o próprio planeta fazem parte da vida de um jornalista, e de maneira marcante. Por outro lado, ele pode ser entendido como restrito na medida em que é a profissão, e tudo a ela ligado, que vai definir a função destes indivíduos na sociedade.

Depois de ter descrito e analisado o *mundo dos jornalistas* ao longo de quatro capítulos, gostaria de ressaltar que o *mundo do jornal* inclui jornalistas entre outros profissionais e personagens. Ainda que os jornalistas sejam os protagonistas da cena, esta não se restringe a eles. Há vários atores coadjuvantes atuando no mesmo cenário. São os *office boys*, as secretárias, os técnicos em informática, seguradoras, além de gerentes e diretores. Essas empresas têm uma rotina bastante específica, ou seja, não se assemelham a outras instituições comerciais como um banco ou uma fábrica. Os horários são muito próprios e o ritmo de trabalho, muito mais acelerado. Embora alguns jornalistas saíem mais cedo que os demais setores de um jornal não têm a mesma agitação da redação, quem trabalha nestes departamentos afirma que a movimentação e tensão presentes na redação contaminam toda a empresa.

Ao longo da existência, o homem tem diferentes *papéis sociais*, vividos muitas vezes concomitantemente; em certos casos, eles são contraditórios ou ambíguos e em muitos outros estão intimamente relacionados. No caso do grupo investigado, a meu ver, existe predominância de um *papel* sobre os demais. Embora haja tensão entre eles, pelo que pude perceber nos discursos, o *ser jornalista* é a função prioritária em suas vidas.

Pensando no conceito de *identidade social* a partir da noção de *papel social* e da sua construção, acredito que o papel profissional para este grupo



ocupa um lugar de destaque em suas trajetórias, mesmo que existam outros papéis diferentes a serem desempenhados. O *ser jornalista* contamina os demais papéis, ainda que de forma diferenciada.

Utilizarei aqui o conceito de *identidade* para apreender categorias pertencentes a uma mesma sociedade, o que, em um nível mais geral, implica um conjunto de valores compartilhados por diferentes segmentos. O grupo estudado faz parte de uma sociedade complexa, e nela existem grandes diferenças entre as diversas categorias sociais possibilitando que diferentes grupos tenham uma leitura particular e muitas vezes contraditória da própria sociedade.

Na opinião de alguns sociólogos, nenhum indivíduo tem uma identidade única, o que ocorre é uma simultaneidade de identidades, assim como de *status* e papéis. E *status* e papel são regras e expectativas socialmente definidas. Na noção de identidade inclui-se uma outra, a percepção do *self*. Esta noção será, portanto, o resultado da soma de vários *status* e papéis, além de experiências variadas, formando um retrato coerente do *self*.

Ao analisar este grupo de jornalistas, pude constatar que se por um lado a profissão — e portanto *ser jornalista* — sintetiza as características do indivíduo, resultando em uma totalização do mesmo sob o prisma de sua identidade, por outro, percebi que há uma tensão entre este papel totalizante e outros papéis ligados, como, por exemplo, as relações de parentesco e família. Acredito que é possível falar mesmo de uma *identidade do jornalista* que se constrói apesar de ou sobre esta tensão. Ou seja, esta identidade não é exclusiva ou determinante, ela é a síntese de uma série de papéis desempenhados por um indivíduo, com funções diversas. Alguns deles são complementares, outros contraditórios, além dos simultâneos. Esta dimensão da profissão será consequência de uma ênfase atribuída à mesma pelo grupo. Tal ênfase poderá se apresentar como uma força externa a eles, mas na realidade ela está presente nos próprios depoimentos.

Como comentei antes, minha preocupação com esta pesquisa não era apenas descobrir o que leva um indivíduo a escolher o jornalismo como profissão. Eu estava interessada em perceber o que define um jornalista para além do exercício e prática da própria profissão. Isso no sentido de que trabalhar como jornalista “pura e simplesmente” não determina a construção da identidade do grupo. Há diversos aspectos que ajudam a construir este personagem e a sua categoria profissional.

Neste sentido, ao pensar nos dois grupos de entrevistados — jovens e velhos jornalistas —, é possível perceber diferenças de *estilo de vida* entre os grupos, que estão influenciadas por diferenças econômicas. Vários jovens reclamam dos salários, em sua maioria não moram em casa própria, e muitos não têm carro; ao contrário, os mais velhos residem em bons

apartamentos, todos na zona sul, viajam para o exterior com frequência e quase todos possuem automóvel.

O que se conclui ao analisar este segmento é que não se pode amarrar um grupo a uma posição definitiva e imutável na estrutura social. Esta posição não pode ser completamente definida de um ponto de vista estático.

Portanto, não se pode determinar com rigidez a posição deste grupo profissional dentro da estrutura da sociedade. Pode-se falar em termos de uma categoria profissional, não de uma classe, e esta categoria, como já afirmei antes, está inserida no amplo universo de *camadas médias urbanas*. Camadas que abarcam muitos segmentos e grupos com características bastante específicas, ainda que apresentem, no conjunto, muitos pontos em comum. As camadas médias não estarão, portanto, ligadas à classe dominante ou à dominada, no sentido clássico das mesmas, em que as classes são definidas em função de seu papel no modo de produção. A especificidade das camadas médias está inserida em outro ponto para além das questões políticas e econômicas. Além disso, dentro do próprio grupo estudado, há distinções que são consequência do momento da trajetória social e, no caso, profissional de cada um. Não é apenas a faixa etária que separa os dois grupos de entrevistados, mas sim as diferenças de momento ou posição na trajetória.

Quando me refiro a camadas, entendo que é possível perceber uma escala de *status* individuais como uma série de categorias sociais mais ou menos homogêneas. Estas categorias, nas quais os indivíduos possuem certos índices de estratificação, podem ser chamadas de estratos ou camadas e até classes. Em geral, são agrupamentos de pessoas marcadas por uma conduta semelhante, com pontos de vista comuns e um certo grau de interação mútua. Sem dúvida, se esta definição de camada pode servir também para classe, muitos problemas serão colocados a partir daí, mas não é meu objetivo no momento aprofundar mais essa questão.

Outros sociólogos acreditam que pertencer a uma camada significa partilhar com outras pessoas possibilidades idênticas de receber valores. E a partir desta idéia seria possível falar em “dimensões de estratificação”. Cada uma corresponderá a uma forma de classificar os indivíduos em relação às diferentes oportunidades que têm de receber valores. Haveria, portanto, quatro dimensões: ocupação, classe, *status* e poder. Pretendo deter-me aqui na ocupação, por considerar que ela resume em si diversos aspectos das outras dimensões. Uma ocupação como possibilidade de fonte de renda estará bastante ligada à noção de classe; pelo fato de as ocupações estarem situadas na sociedade em termos de uma hierarquia, pode-se depreender que o *status* será uma decorrência também da ocupação. E como as ocupações implicam ainda um exercício de poder sobre outras pessoas, pode-se concluir que as ocupações estão totalmente relacionadas a classe, *status* e poder.



Os cinquenta entrevistados fazem parte de *camadas médias urbanas*, portadoras de ideologias individualistas. Estas ideologias se fazem presentes ao longo de todas as entrevistas, em que os jornalistas enfatizam uma preocupação com a sua pessoa, demonstrando uma noção de indivíduo bastante específica.

Ao olhar a sociedade brasileira, e em especial meu grupo de jornalistas, percebe-se a influência das ideologias individualistas. Ideologias que têm sido a tendência dominante nas sociedades modernas e que podem ser subdivididas em dois tipos diferentes, cada um deles ligado a um momento histórico. Assim, o individualismo quantitativo referente ao século XVIII se definiria a partir da idéia de livre competição e enfatizaria a igualdade entre os homens. Já o individualismo qualitativo elaborado para o século XIX valoriza o aspecto original e único de cada personalidade individual. Hoje não se pode entender estas duas vertentes como pontos estanques, pois elas expressam uma tensão entre modalidades de individualismo. E a cidade e em especial as grandes metrópoles serão locais privilegiados de manifestação dessa tensão.

Os jornalistas seriam aparentemente portadores de uma ideologia individualista, apresentando, como já comentei anteriormente, uma postura *blasé* diante dos fatos e da vida, tentando a todo custo, e usando a profissão como instrumento, ocupar um lugar destacado na sociedade. Isso se explica na busca de notoriedade, várias vezes enfocada por meus informantes. E ajuda também a compreender o porquê da acirrada competição entre os colegas. Estão todos em uma situação comum — uma reportagem, por exemplo — à procura de um “furo” que os tire do anonimato e os coloque no caminho da notoriedade. Quer ela seja de pequeno, médio ou grande alcance. Essa busca ansiosa pelo “furo”, entre os jornalistas, pode ser entendida como uma expressão da tendência à individualização.

As pesquisas sobre sociedades complexas impregnadas de ideologias individualistas demonstram que não há apenas um tipo de individualismo, mas vários. E a metrópole, com sua enorme fragmentação, será um espaço de atuação e desempenho dos diferentes *papéis sociais*. Portanto, esse indivíduo moderno viverá um conjunto de experiências distintas que certamente influenciará sua trajetória e sua mobilidade social. Esse contato com indivíduos de outros mundos poderá atingir e influenciar a *visão de mundo* de uma pessoa, assim como seu *estilo de vida*. Acho que a ampla rede de relações de meus entrevistados, que atravessam *fronteiras*, cruzam mundos diferentes, sem dúvida lhes marcará. Dá para perceber como esse intenso contato com outros grupos, próximos ou distantes do seu próprio, leva o segmento a uma visão particular da sociedade.

Ao ressaltar que este grupo pertencente às camadas médias urbanas está impregnado de uma ideologia individualista, não se deve estranhar que

suas vidas e trajetórias pessoais sejam percebidas como resultado de escolhas pessoais, que geram uma história particular.

Recordem-se as afirmações da maioria dos jornalistas mais velhos, enfáticos em dizer que não se consideravam jornalistas típicos. Suas histórias de vida são “especiais”, únicas e não podem ser compreendidas a partir de um modelo típico. Já os jovens foram os que mais ressaltaram o papel da opção em suas vidas. Entre eles não há espaço para o *acaso*, como entre os veteranos. Suas vidas são o resultado e consequência de escolhas pessoais, que por sua vez demonstram a existência de um processo de individualização.

Destaco aqui o fato de que em todas as sociedades há espaço ou possibilidade de individualização, variando a dimensão dessa possibilidade. E se as carreiras destes jornalistas significam uma possibilidade de individualização, esta opção vai apontar para a noção de *projeto individual*. Este projeto não é algo “puro” ou sem relação com o seu meio social. Ele se constrói também a partir das experiências socioculturais do indivíduo, de vivências e interações. A idéia de projeto está ligada a uma tentativa de organizar e dar sentido à fragmentação da sociedade moderna, onde há maior diversidade de domínios.

Demonstro que nem sempre aparece de forma consciente a noção de projeto para meus entrevistados. A ocupação, no caso, elemento comum a todos, é um dado importante na realização de seus projetos individuais e pode, em determinados momentos, unir interesses comuns para um projeto social, o que nem sempre ocorre.

Acredito, portanto, que a construção da identidade do jornalista se realiza dentro de um contexto em que diversas áreas da vida social se misturam e se confundem. Suas experiências e vivências apresentam ambigüidades e contradições. Não se pode pensar em identidade levando em conta apenas trajetórias e projetos conscientes e lineares, sem curvas e oscilações. A própria vivência profissional é uma fonte de convivência e contato com essa complexidade.

As noções de prestígio e ascensão social, bastante relacionadas entre si, também ajudarão a comport o quadro da *construção da identidade do jornalista*. Pelas entrevistas ficou claro que a carreira de jornalista poderá significar, em alguns casos, um instrumento de ascensão social e obtenção de prestígio. Obviamente, os dois aspectos terão dimensões variadas de acordo com cada indivíduo. Ou seja, para um jornalista oriundo de uma classe alta, com um sobrenome de prestígio social e sem dificuldades financeiras, a carreira não será uma chance de conquista de *status*, porque ele já o tinha anteriormente. Ela poderá legitimá-lo ou reforçá-lo. Entretanto, para um indivíduo em outras condições, ela será um importante instrumento para a ascensão na sociedade. Significará em alguns casos a oportunidade de sair do anonimato da zona norte, ou subúrbio, para o



sucesso e a fama da zona sul. Nem sempre essa promessa se cumpre. Mas observam-se também nuances. Há jornalistas com prestígio, que ascendem socialmente levando em consideração sua origem; entretanto, não ficaram famosos nem enriqueceram. O que quero deixar claro é que essa chance de mudança social, ainda que escassa em termos quantitativos, é um fator de motivação e influência na escolha da profissão, mesmo que não apareça explicitamente nos discursos dos entrevistados.

A convivência com *mundos* distintos é um fato concreto na sociedade complexa, mas pode estar mais presente no cotidiano de alguns setores, como o dos jornalistas. E para poder transitar por distintas esferas é preciso desenvolver um sentimento de familiaridade com todos os locais e acontecimentos, como ficou claro no acompanhamento dos informantes. Esta desenvoltura com que o jornalista atravessa domínios está relacionada com a idéia de *homem público*. Para esse indivíduo público, as pessoas e a própria sociedade ainda têm relevância, ultrapassados os laços familiares ou de amizade. Ao contrário, o que vemos acontecer nas sociedades modernas é o desaparecimento desse homem, substituído por outro preocupado consigo mesmo, com sua satisfação e com uma troca em relações íntimas.

É interessante analisar o jornalista a partir das duas visões diferentes. Primeiro, ele ainda exerce a função do *homem público*, preocupado com o funcionamento da sociedade e o bem comum. Não foram poucos os entrevistados que destacaram o papel do jornalista na sociedade e a sua função transformadora. De outro ponto de vista, também emerge a figura do jornalista como um ser moderno, *blasé* e voltado para a sua intimidade e realização. E se pode notar que há uma relação direta entre intimidade e sociabilidade. Os indivíduos de um modo geral precisam manter uma certa distância da observação íntima por parte do outro para se sentirem sociais. E, se aumentarmos o contato íntimo, a sociabilidade diminuirá.

Os habitantes das sociedades modernas estariam vivendo esta dicotomia: a intimidade ou a sociabilidade. Sociabilidade que é percebida como uma forma lúdica de *sociação*, totalmente desinteressada, na qual os indivíduos se agrupam sem objetivo futuro, mas pelo prazer ou vontade de estarem juntos.

Além dos objetivos comuns que unem os indivíduos, no caso dos jornalistas o fato de compartilharem a mesma ocupação, há um sentimento que os une e do qual tiram satisfação. Isso remete aos depoimentos dos entrevistados, assim como às festas e encontros em bares de que participei, onde ficavam explícitas a forte ligação reinante no grupo e a convivência intensa entre seus membros, além do contato diário no trabalho.

Através dos discursos dos entrevistados, o que se depreende é que o jornalista vive uma tensão entre a vida privada e a pública. A pública vai ser expressa e representada por sua atuação profissional; e a vida privada

também vai ser enfatizada, como quando ele destaca a importância da família e dos amigos em suas vidas. Ou seja, tanto a vida privada quanto a pública estão sendo valorizadas por esses indivíduos, e em cada momento uma delas terá maior dimensão.

Quanto à questão da vida pública, há vários aspectos a comentar. Em primeiro lugar, o jornalista, pelo fato de transmitir e divulgar informações, está muitas vezes transformando acontecimentos privados em públicos. São inúmeros os casos em que a imprensa penetra na vida particular de uma personalidade ou de um político, fazendo com que seu domínio considerado particular ganhe dimensões públicas. Isso na realidade demonstra como esta ocupação tem também a capacidade, ou melhor, o poder, de levar eventos de uma esfera íntima para outra de conhecimento público, e nem sempre com a concordância dos envolvidos.

Em geral, essa capacidade é tida como ameaçadora e está sempre ligada à imagem do jornalista. Como já havia comentado, o jornalista pode ser instrumento de poder (através de seu veículo) para um indivíduo, mas é também uma força que em diferentes situações poderá extrapolar os níveis desejados. E não são raras as vezes em que ocorre abuso de poder. Neste momento, o que vemos é a passagem do jornalista como figura carregada de poder e prestígio para o extremo oposto. Este profissional se torna um elemento perigoso, que desmancha fronteiras, quebra a privacidade sem piedade ou consciência. Ele se transforma no personagem que está à procura de uma notícia, de um "furo", e isso está acima e na frente de tudo o mais. Essa imagem contraditória com a primeira vai estar expressa, mesmo como um caso limite, na chamada imprensa *marrom*, tipo específico de jornalismo baseado no sensacionalismo, que trabalha sem ética e se utiliza de chantagem e corrupção para atingir seus fins. Enfim, o que quero apontar é que o jornalista tem uma imagem ambígua e contraditória. Ele fascina e atrai, mas também é repudiado e desprezado por ser ameaçador.

Ainda discutindo o papel do jornalista, saliento que ele tem uma função importante em termos de construção da cidadania, uma vez que é responsável pela transmissão de informações, e a idéia de cidadania está subordinada à informação. Não há cidadão sem conhecimento, é este que torna o indivíduo um cidadão, na medida em que as informações lhe possibilitam escolhas, avaliações e participação na sociedade. Sem isso, sua atuação ficaria restrita ou seria inexistente.

Mas, voltando à sociabilidade, se ela indica o estreitamento das relações entre esses indivíduos, também sugere certo narcisismo, ao qual muitos se referiram. Um se vê no outro e gosta do outro pelo fato de ser igual. Como na letra da canção de Caetano Veloso: "... porque Narciso acha feio o que não é espelho...". O jornalista "naturalmente" se aproxima e se relaciona com seus pares, uma atitude que não é gerada apenas pelo fato



de terem a mesma profissão ou trabalharem juntos. Há uma "certa" semelhança que os aproxima.

Não sem razão, muitos informantes afirmam que o jornalista é um narcisista. Narcisista entendido aqui como relacionado ou semelhante a vaidoso, como quem está interessado em aparecer e se preocupa ao máximo em ter uma matéria assinada e lida por muitos. Alguns chegam a comentar que essa característica pode ser muito importante, para os mais ambiciosos.

"Esta categoria é muito narcisista e cheia de estrelas. No jornal, muitas vezes o seu trabalho só sobressai se você aparece. Não precisa ser bom, tem que botar banca que é."

Em muitos casos o jornalista se acha superior ao "resto dos mortais", exatamente pelo seu fácil acesso e livre trânsito junto a autoridades e locais importantes.

O indivíduo narcisista vai estar sempre buscando se destacar na multidão, o que explica o fascínio narcisista pela celebridade. Esta visão de narcisismo vem ao encontro do que os jornalistas afirmam sobre sua própria classe e sua relação com o poder, que os atrai.

Como já afirmei, acho que a identidade do jornalista se forma a partir da profissão e resulta de algo mais complexo do que seu simples exercício. Finalizando, retomo a idéia de que uma ocupação não é um conjunto de atividades, mas representa uma parte do indivíduo que ocupa um lugar em um dado conjunto de esforços.

Essa ocupação implica características específicas de quem deseja exercê-la. Muitos entrevistados afirmam que um dos fatores que os levou a escolher esta profissão é o seu poder de transformação da sociedade, de denúncia e crítica. E algumas profissões parecem dar uma licença "especial" aos seus membros, como um mandato de ordem moral ou intelectual ou até legal.

O que ocorre em relação ao trabalho é que ele funciona como um sistema de interações, onde são definidos os papéis, e há solidariedade entre os membros do grupo, os quais são regidos por regras e sanções sociais. Isso já ficou demonstrado, em capítulos anteriores, em relação à competição entre jornalistas que cobrem o mesmo assunto.

Para terminar, enfatizarei novamente o fato de determinadas carreiras significarem bem mais do que uma atividade ou emprego na vida de seus profissionais, gerando um envolvimento que resultará num *estilo de vida* e numa *visão de mundo* específicos. Estas ocupações têm exigido de seus membros um sentimento de *adesão (commitment)*, o qual será a base para o estabelecimento de uma dimensão da carreira na vida destes profissionais. Ela surge como expressão de suas individualidades, da mesma forma que seus *selvês* se percebem expressos por ela, em uma relação de complementaridade.

Acredito que o universo que investiguei enfatiza e destaca nas vidas dos jornalistas sua identidade profissional — *ser jornalista* —, qualificando-a e dando à carreira um papel que extrapola os limites do seu exercício.

\* \* \*

Agora que chego ao fim deste trabalho, penso sobre seu início e fico me lembrando de um texto de Robert Park, em que o pensador americano afirma, sem negar o seu passado de jornalista, que o sociólogo sempre foi a seu ver uma espécie de "super-reporter", como aqueles que escreviam para *Fortune*. Para ele, o trabalho do sociólogo que estuda as grandes cidades é necessário, nem que seja para nos fazer compreender o que lemos no jornal.

Acho que as palavras de Park me ajudam a entender como e por que decidi estudar os jornalistas, logo eu, uma jornalista. No começo, três anos atrás, quando decidi que meu objeto de pesquisa seriam estes profissionais, fiquei amedrontada. Afinal, eu era uma jornalista, estava trabalhando como tal e estava certa de que minhas dificuldades seriam enormes. O esforço de isenção e distanciamento naquele momento me pareciam insuperáveis. Na ocasião, trabalhava em uma assessoria de imprensa, tendo antes trabalhado apenas esporadicamente em TV e rádio, não em jornal diário.

Gostaria de salientar também as semelhanças e as diferenças entre as duas profissões: de jornalista e de antropólogo. Ambas utilizam entrevistas como instrumento de trabalho, chamam seus entrevistados de informantes; e o repórter, assim como o antropólogo, vai a campo realizar seu trabalho.

Mas, se por um lado elas têm pontos de contato, por outro há enormes distinções que as separam. O jornalismo está basicamente interessado em apresentar assuntos ou fatos, enquanto a antropologia está preocupada em analisá-los mais crítica e profundamente, utilizando-se para isso de um vasto arsenal teórico. O repórter, na maioria das vezes, só conta consigo mesmo e com o departamento de pesquisa.

Estimulada pelo professor Gilberto Velho e decidida a encarar o desafio, mergulhei fundo em um universo que conhecia pela prática e convivência, mas que mais tarde se tornou estranho e desconhecido para mim. Passei a encará-lo como exótico, sendo que as condutas mais familiares se mostraram muitas vezes incompreensíveis.

Foi sem dúvida um trabalho enriquecedor para mim em muitos aspectos. Na medida em que me afastava de minha própria profissão, começava a encará-la com mais clareza e profundidade. Segui então uma trajetória particular e emocionante. Quanto mais eu me aproximava do jornalismo para redescobri-lo com novos olhos — de antropólogo —, mais eu me afastava dele.



Hoje percebo que esta escolha de objeto de investigação não foi feita ao acaso. Revelou-se o meu próprio *rito de passagem* de uma profissão à outra, podendo com isso viver o melhor destes dois *mundos* simultaneamente.

Decidi terminar com este aparte por achar que minha experiência como jornalista não poderia nem deveria ser descartada. Ela precisava ser bem empregada. Se foi ou não, deixo ao leitor o direito de julgá-la.

## Bibliografia

Para discutir o papel e o poder da imprensa:

PAILLET, MARC. *Jornalismo, o quarto poder*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

PARK, ROBERT. *L'école de Chicago*. Paris, Éditions Aubier, 1990.

PARK, ROBERT. *On social control and collective behavior*. Chicago, The University of Chicago Press, 1967.

Para conhecer a história da imprensa:

ALBERT, P. & FERROU, F. *Histoire de la presse*. Paris, Presses Universitaires de France, 1970.

BICALHO, MARIA FERNANDA BATISTA. *O Bello Sexo — imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX*. PPGAS/MN/UFRJ, 1988. [Dissertação de mestrado (datil.)]

FERREIRA, MARIA NAZARETH. *A imprensa operária no Brasil 1880-1920*. Petrópolis, Vozes, 1978.

LAGE, NILSON. *Ideologia e técnica da notícia*. Petrópolis, Vozes, 1982.

SODRÉ, NELSON WERNECK. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo, Martins Fontes, 1983.

Para entender o jornalismo e sua prática:

ABRAMO, CLAUDIO. *A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

BERNSTEIN, CARL & WOODWARD, B. *Todos os homens do presidente*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

DARNTON, ROBERT. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

KOTSCHO, R. *A prática de reportagem*. São Paulo, Ática, 1986.